

POEMAS

Luciana Pimenta

*

Luciana Pimenta: foi assim que dei de assinar a poesia que me fez gente. Tudo gestado no verso do corpo, na planta dos pés da palavra. Poeta de ouvido, olhos e mãos que muito trabalham; professora por ofício de fé, sempre além dos muros da universidade, inventando lugares entre filosofias, direitos, literaturas e psicanálises, percursos de vozes e leituras que se misturam, a cada vez e todas as vi(n)das. Foi andando nas entrelinhas de lugares inventados que Aprendizagem no espelho (2000), Heranças (2016) e Morada (2018) vieram ao mundo – livros de poesia que nasceram na boca do leitor. Nunca sem leitores livros seriam. A eles sempre o próximo alimento, a trama, a transa e o parto de cada palavra e todos os silêncios. E assim seguem o poema por vir, as mãos abertas e os pés descalços, deslizem, verbos, ventos e rasuras de tempos-mundos poeticamente tecidos, deslocantes e descabidos... escrevendo um desejo de outras vozes e outros mundos.

pereirapimenta@hotmail.com

ESCUA

É com você que vou
falar agora
Nem sei por onde
andam seus ouvidos
Peço que escute
Se está aí
Por perto
ou de longe
Dê seu jeito!
Por onde quer
que seja
É a você que remeto
essas palavras
Mesmo que não nos conheçamos
tão bem assim
E que seus ouvidos
me sirvam de sala
com sorte, de cozinha
Tal vez de vale
e montanhas
É que nunca se conhece bem
alguma coisa ou algum lugar
Ainda menos os ouvidos
de quem quer que seja
Mas escuta

Mesmo que as palavras
restem tão e tantas
nos cantos
da sala e da boca
E você ou eu
supostamente creia
que se possa tudo dizer
fazendo uso da língua
(Ou)
Quem sabe
esquecendo a língua
Apostar tudo no corpo
em queda livre
desse penhasco
Donde nunca ficou claro
se alguém pode ouvir
alguém
Escuta! você ouviu
esse barulho indecifrável
do voo
do pássaro?

HOMENS SECOS

Tempos secos
De homens secos
De vozes secas

Nós somos os homens secos
Engolindo a seco
Silêncios ressequidos

Carentes de chuva
Ausentes de si
Das palavras esquecidas

Nós somos os homens secos
Padecendo de secura
E incêndios condoídos

A terra árida
O encontro escasso
Corpos adoecidos

Nós somos os homens secos
Das vidas secas
De olhares perdidos

Não como a tarde
Caminhando rumo à noite
Em busca do sereno

Nós somos os homens secos
Os insones-mortos-vivos
Donos de razões repetidas

Não como a manhã
Raiando sobre a relva
Seu único despertar

AQUI ESTÃO AS MINHAS PROVAS

Acordo no dia dos mortos
pressionada pelo calendário dos vivos
a não ceder
o chamado do poema

Afazeres de toda ordem
convocam meu corpo
que teve seu primeiro gesto
poético às cinco da manhã

[A voz do sono é a voz de deus]

Só às oito se emprumaram os olhos
supostamente dispostos à mira enfileirada
das ferozes exigências

Guardando a louça do dia anterior
[aprende-se com a chuva
que a vida pode escorrer
sem a ânsia das urgências]
ocorre-me pensar a vida das pedras

- um possível eco
da conversa dos poetas
sobre pedras -

Que assinto ser a própria voz das pedras,
diante de mim, sem que se finjam
mortas; ao contrário, confessam

A orgânica vida das pedras
sem relógios e lamentos
esta mira sobre isto ou aquilo
que os homens se perguntam
entre a vida e a morte

O dia dos mortos caminha
em meu corpo dando provas
de que recuso os saberes
que se pretendem antes deles

[a quem quase tudo devo]

Não ousar seguir um instante mais
sem que falem em mim sua voz
e o heroísmo silencioso de cada um

Ali onde está a linhagem
de todos os santos e todos os mares:
mães, avós, bisavós e gentes tantas
quase sempre esquecidas de que são
muito antes de tudo o que ousamos dizer

E digo, quando digo, repetindo,
reinventando sua voz; esta sim,
um chamado a que atendem obedientes
todos os meus sentidos
porque são eles
[os mortos]
a única certeza
de que é feita a vida.

MORAR NUMA CASA

É morar numa certa paisagem
No modo de amanhecer das horas
Nos barulhos que entornam
os cantos e o clima das tardes
Sem esquecer dos cheiros
que mapeiam o espaço
Dos vizinhos, o lugar
das correspondências
As memórias ali plantadas
Um tal jeito chegar da noite
A escrita poética do vento
e as janelas de dentro,
que nunca estão na planta
do imóvel...

ISTO

Um poema para Maiakoviski

Porque o sol nasce dentro
de uma flor -
 e não sei pintá-lo
 nem melhor, nem pior
do que faço
O que escrevo
é isto
A infinita pintura
que me abriu os olhos
 os ouvidos
me alimentou
 me fez poeta:
 isto
 que eu tenho
nas mãos
 nos pés
 na VOZ
e ousou transformar em asas:
 o canto da manhã
 esta dança
Lá onde nasce o sol
- dentro de uma flor....